



Ateliê de História

Palavras - chave:

Bandas marciais. Ponta Grossa. Década de 90. História oral.

BANDAS MARCIAIS DE PONTA GROSSA-PR NA DÉCADA DE 1990: MEMÓRIAS DE UM IMPORTANTE MOVIMENTO MUSICAL DA SOCIEDADE PRINCESINA¹

Rafael Dalalíbera Rauski²

Raphael Guilherme de Carvalho³

INTRODUÇÃO

Resumo: Este artigo tem por finalidade apresentar um levantamento histórico das bandas marciais existentes na cidade de Ponta Grossa-PR na década de 1990. As informações foram obtidas por meio da metodologia da história oral, ou seja, de entrevistas gravadas e posteriormente transcritas e divulgadas com a devida autorização. Os entrevistados foram pessoas que estiveram envolvidas no movimento das bandas marciais no tempo e espaço em questão, exercendo variados papéis, como coordenadores, maestros, músicos, professores, alunos, entre outros. As entrevistas foram direcionadas a partir de três objetivos centrais: possibilitar a memória sobre as bandas marciais existentes no município nos anos 1990; revelar os fatores que influenciaram na grande multiplicação das bandas marciais em Ponta Grossa nesse período; e entender qual era o interesse principal das instituições educacionais públicas e particulares em manterem uma banda marcial em atividade. Os depoimentos revelaram que as bandas eram um aspecto marcante da sociedade princesina no período, estando presentes em desfiles, concertos, apresentações, inaugurações, festas e outros eventos cívicos e comemorativos de interesse das escolas e da sociedade em geral. As perspectivas dos depoentes quanto ao futuro das bandas da cidade e as possíveis causas para a diminuição do movimento de bandas nos dias atuais também se fazem presentes neste texto.

Olhando atentamente para o cotidiano das cidades brasileiras, especialmente as do interior, é impossível deixar de notar a presença de grupos que, por meio de sua música, modificam o cenário local, envolvendo uma parcela significativa da comunidade. As bandas marciais, em especial, são corporações que simbolizam bem esse envolvimento entre música e comunidade, pois marcam presença em diversas ocasiões que reúnem grande parte da população, como desfiles cívicos, datas comemorativas, campeonatos de bandas, concertos e apresentações, entre outras.

No Brasil, a presença das bandas já era notória desde os tempos de colônia, e sua continuidade representa uma riquíssima história constituída ao longo dos anos. Especialmente na cidade de Ponta Grossa, no interior do estado do Paraná, a tradição das bandas e fanfarras constitui importante fonte de conhecimento a respeito dessa relação entre música e comunidade, uma vez que muitos moradores princesinos tiveram ou ainda têm envolvimento com bandas ou fanfarras da cidade.

Esse movimento específico das bandas marciais começou a ganhar força na década de 1980, e atingiu seu auge no final dos anos 1990, época em que Ponta Grossa contava com várias bandas marciais, sendo bem representada no cenário nacional por meio de corporações com elevada qualidade musical, principalmente nas competições. Nos dias de hoje, verifica-se que no referido município várias bandas marciais encerraram suas atividades, restando poucas que ainda mantêm essa tradição.

Sendo assim, propõe-se a investigar, na presente pesquisa, por que a multiplicação das bandas marciais em Ponta Grossa atingiu seu apogeu na década de 1990, partindo da hipótese de que várias instituições de ensino públicas e particulares tinham o interesse de manter a banda marcial como símbolo de disciplina e espírito cívico de seus alunos, que era apresentado à sociedade principalmente nas ocasiões de desfiles comemorativos (aniversário da cidade e independência do Brasil).

Define-se então, como objetivo geral desta pesquisa, investigar as particularidades das bandas marciais no município de Ponta Grossa-PR, especificamente na década de 90. Seus objetivos específicos são: possibilitar a memória sobre as bandas marciais existentes no município na década de 90; revelar os fatores que influenciaram na grande multiplicação das bandas marciais nesse tempo e espaço; entender qual era o interesse principal das instituições edu-

1 Menção feita aos moradores de Ponta Grossa, a "Princesa dos Campos".

2 Licenciado em Música (UEPG). Pós-graduado em História Arte e Cultura (UEPG). Mestre em Educação (UEPG). Professor Colaborador da UEPG. Maestro e professor na Banda Marcial do Colégio Marista Pio XII. Diretor Pedagógico do Conservatório Municipal Maestro Paulino Martins Alves. Email: rafaelrauski@hotmail.com

3 Orientador, Mestre e Doutorando em História (PGHIS/UFPR).

cacionais públicas e particulares em manterem uma banda marcial.

A pesquisa, dentro de suas possibilidades, pretende auxiliar nas discussões acerca da tradição cultural das bandas marciais, tendo em vista o pequeno número de trabalhos realizados sobre o assunto envolvendo outras cidades do Brasil. Mesmo assim, é possível buscar apoio em alguns trabalhos desta natureza que já foram realizados em algumas localidades do país.

Páteo (1997) contextualiza as bandas de música como elementos de socialização nas cidades. A autora discorre sobre a cena urbana no final do século XIX e anos iniciais do século XX, apresentando as praças como locais de entretenimento e diversão. Também apresenta em seu trabalho um histórico detalhado das bandas de música nessa época, principalmente na cidade de Campinas, desde o surgimento das primeiras bandas até a diminuição da cena, em detrimento das orquestras sinfônicas.

Lima (2000) pesquisou sobre as práticas e agentes que mantêm as bandas de música em São Paulo. Foram entrevistados 88 regentes de bandas com o intuito de coletar dados e diagnosticar eventos que influenciaram as bandas nas últimas cinco décadas. Como resultados, o autor aponta que as bandas de estudantes são estimuladas pelos campeonatos, que existe uma ausência de literatura específica e de cursos acadêmicos que preparem o regente de banda para a realidade dos grupos estudantis.

O mesmo Lima (2007), noutra oportunidade, escreve sobre as bandas e fanfarras do interior paulista como fenômeno praticado dentro das escolas. O enfoque do autor em sua pesquisa se dá na organização desses grupos com o intuito de competir, fazendo dos campeonatos promovidos pelo estado de São Paulo um grande sucesso. O autor também trata das bandas escolares como elementos de socialização e de grande mobilização popular, e distingue esse tipo de banda de outras pelos seguintes aspectos: instrumental, aprendizagem, características dos dirigentes, estética visual e repertório.

Campos (2008) realizou investigação sobre as práticas e o aprendizado proporcionado pelas bandas e fanfarras escolares. Foram entrevistados regentes e alunos integrantes de três bandas escolares de Campo Grande-MS, e constatou-se que as atividades proporcionadas por essas bandas primam pela disciplina e execução instrumental nas apresentações públicas, propiciando aos alunos o aprendizado de um instrumento musical e a integração no

ambiente escolar, além de promoverem a imagem da escola.

A presente pesquisa é de natureza qualitativa, e utilizará a metodologia da história oral para abordagem do objeto de estudo. Por história oral entende-se um procedimento destinado à “constituição de novas fontes para a pesquisa histórica, com base nos depoimentos orais colhidos sistematicamente em pesquisas específicas, sob métodos, problemas e pressupostos teóricos explícitos”. (AMADO; FERREIRA, 1998, p.17).

As fontes orais investigadas foram os relatos de pessoas que estiveram ligadas ao movimento das bandas marciais em Ponta Grossa no período pesquisado. Tais relatos foram registrados por meio de entrevistas realizadas no período de abril a setembro de 2013. As entrevistas foram gravadas e transcritas, e a divulgação dos comentários obtidos foi devidamente autorizada por meio de termo de compromisso firmado entre entrevistado e pesquisador (ALBERTI, 2005).

Sobre os sujeitos das pesquisas

Para contribuir com relatos a respeito da história das bandas marciais na cidade de Ponta Grossa durante a década de 90, foram selecionadas pessoas que participaram ativamente do movimento de bandas, como músicos, coordenadores, professores, incentivadores, entre outras, ou seja, pessoas que estiveram envolvidas com bandas marciais durante todo o período de interesse deste estudo. Suas memórias e experiências representam, portanto, valiosas fontes de conhecimento para compreender a história das bandas marciais em Ponta Grossa.

Johnny Adam Bueno participou ativamente de várias bandas marciais em Ponta Grossa na década de 90. Começou a praticar música na Banda Marcial do Colégio Marista Pio XII aos nove anos de idade, dedicando-se ao estudo do trompete. No auge da sua participação em bandas, em meados da década de 90, Johnny chegou a atuar como instrutor de quatro grupos diferentes: a Banda Marcial do Colégio Sepam, a Banda Marcial do Colégio Master, e as fanfarras do Colégio Desafio e do Instituto de Educação. Ele também foi integrante da Banda Escola Lyra dos Campos e trabalhou na fanfarra da Casa do Menor de Ponta Grossa.

Antônio Carlos Schmidt participa da Banda Marcial do Colégio Marista Pio XII desde a década

de 70, quando essa banda ainda era uma fanfarra. Conhecido como “Schmidtão” no meio das bandas, Antônio Carlos foi um dos pioneiros no movimento de bandas marciais na cidade de Ponta Grossa. Coordenando a Banda do Colégio Marista Pio XII, a qual na década de 90 obteve seis títulos de campeã nacional de bandas, contribuiu para que a mesma obtivesse até os dias de hoje destaque na cena nacional como uma das melhores bandas marciais em atividade. A importância de Antônio Carlos para as bandas nesse período se faz ainda maior pelo apoio que ele prestou a diversas corporações que, através de incentivo e troca de conhecimento, puderam começar suas atividades.

Leandro Marcos Fornazari teve grande participação nas bandas, na década de 90, como músico trompetista e também como professor, formando vários alunos que vieram a integrar diversas bandas marciais da cidade. Atualmente Leandro é professor de trompete na Banda Marcial Marista Pio XII e na Banda Escola Lyra dos Campos, além de ser também músico militar.

No período de 1981 a 2000, Danielle Szezs participou da Banda Marcial Marista Pio XII. Na década de 90 fundou a Fanfarra da Casa do Menor (ligada ao SOS da cidade), juntamente com os professores Jorge Luis e Johnny, que mais tarde deram lugar ao professor Júlio César Gonçalves. Esteve atuante nas duas principais décadas do movimento de bandas em Ponta Grossa, e sua memória foi importante fonte de conhecimento para esta pesquisa.

Eliezer Bueno Silva foi integrante da Banda Marcial Marista Pio XII na década de 90, tocando bombardino. Acompanhou o desenvolvimento das bandas marciais da cidade no início da década. Quando ingressou no exército brasileiro como músico, Eliezer se afastou da corporação por alguns anos, retornando no ano de 2012 para tocar trompa. Atualmente, continua na função de músico militar do exército e também é músico efetivo da orquestra Sinfônica Cidade de Ponta Grossa.

Ronaldo Portela participou da Fanfarra do Colégio São José, de 1986 a 1996. Em 1994, entrou na Banda Marcial Marista Pio XII para aprender trombone, e foi integrante até o ano de 2002. Participou também de outros grupos, como os da Banda Marcial do Colégio Sant’Ana, de 2002 a 2006 e de 2009 a 2012; da Fanfarra Municipal de Ipiranga, de 1997 a 2011; e da Banda Marcial do Colégio Sepam, entre 2007 e 2008. Ronaldo vivenciou ativamente a década de 90 enquanto músico de bandas e fanfaras, participando de inúmeros concursos e apresen-

tações com essas corporações.

Ibraim Lino da Silva tocou e trabalhou em diversas bandas musicais em Ponta Grossa desde a década de 70. Conheceu diversas pessoas que trabalharam no meio de bandas, principalmente músicos que tocavam em bandas de igrejas e que também participavam de bandas marciais. Ibraim foi maestro de outra importante banda da cidade, a Banda Escola Lyra dos Campos, de 2001 a 2005, e acompanhou o movimento das bandas da cidade desde a década de 90, indo a encontros, campeonatos, apresentações, etc.

Fabiano de Souza começou a aprender música na Fanfarra do Colégio São José, no final da década de 80. No início da década de 90, ingressou na Banda Marcial do Colégio Marista Pio XII, na qual permaneceu por sete anos. No entanto, é importante destacar que Fabiano sempre manteve relevante contribuição na fanfarra do Colégio São José, a qual posteriormente veio a coordenar e também ser um dos responsáveis diretos pela fundação da Banda Marcial do colégio.

Jorge Luiz Martins Gomes iniciou seu aprendizado de música na então Fanfarra do Colégio Marista Pio XII, em 1978. Participou do grupo durante o processo de transformação de fanfarra para banda. Um pouco mais tarde, participou da Banda Escola Lyra dos Campos, tocando trombone de vara, e retornou à Banda do Colégio Marista para dar aula desse instrumento. Em 1992, saiu da banda do Marista para participar da fundação das bandas dos colégios Sepam e Master.

Luciano Alves da Rocha começou seus estudos de música no projeto social “Casa do Menor” de Ponta Grossa, na fanfarra dessa instituição, em 1992. Ainda nesse ano, seu professor no projeto, Júlio César Gonçalves, que também era professor na Banda Marcial do Colégio Marista, o levou para aprender trompete na banda. Luciano participa da banda até os dias de hoje, e já participou também de outras bandas marciais e conjuntos musicais pelo Paraná e pela região Sul do Brasil.

Daniel Ricciely Alves iniciou suas atividades como músico em 1992, na fanfarra da Escola Santa Marcelina e também na Banda Municipal, ambas de Piraí do Sul – PR. As suas contribuições foram importantes para este trabalho no sentido de lançar um olhar mais panorâmico sobre o movimento das bandas em Ponta Grossa, já que Daniel acompanhava as bandas princesinas em campeonatos e apresentações. Mais tarde, no ano de 1998, no auge do movimento de bandas marciais em Ponta Grossa,

Daniel participou de dois grupos da cidade: a fanfarra da escola São José, em 1998, e a Banda Marcial do Colégio Marista Pio XII, de 1998 a 2007, onde foi importante músico e professor.

Anderson Ribeiro iniciou os estudos de música na Fanfarra do Colégio São José, no início da década de 90. Em 1992, ingressou na Banda do Colégio Marista Pio XII. Anderson foi um dos responsáveis pela fundação da Banda Marcial do Instituto João XXIII, na qual trabalhou como professor a partir de 2001. Atuou também na banda do Colégio São José, nos anos de 2010, 2011 e 2012.

As bandas marciais no Brasil

A história das bandas no Brasil inicia-se no período da colonização, em que os senhores de engenho organizavam bandas compostas por músicos-escravos (bandas de fazenda) que tocavam por seu sustento, e também nas bandas formadas por irmandades religiosas, em que os músicos tocavam em busca de conhecimento. No século XVIII, era comum que os fazendeiros medissem poder e riqueza através da organização das bandas de música (CAMPOS, 2008, p. 105).

A partir da década de 1870 ocorre no Brasil o surgimento de diversas bandas de música. No entanto, foi Manoel José Gomes (pai de Antônio Carlos Gomes) quem, em 1846, fundou a primeira banda de música na cidade de Campinas, da qual participaram dois de seus filhos: Antônio Carlos Gomes e José Pedro da Sant'Ana Gomes. Influenciado pelas bandas militares, Manoel José deu a essa banda o nome de Banda Marcial (PÁTEO, 1997, p. 104).

Uma banda marcial é um conjunto musical constituído tradicionalmente por instrumentos de sopro e de percussão, sendo que os principais instrumentos de sopro são da família dos metais. O Dicionário Musical Brasileiro (1989, p. 44) define “banda” da seguinte maneira: “Banda: I. Conjunto de Instrumentos de sopro, acompanhados de percussão”.

Esse grupo de metais e percussão também constitui orquestras, bandas militares e bandas sinfônicas, quando combinados com outros instrumentos. De acordo com o The New Grove Dictionary of Music and Musicians (GROVE, 1980, p. 106-107), a palavra banda refere-se à:

combinação de metais e percussão, ou instrumentos de sopro, metais e percussão, como uma banda de metais, banda militar e banda sinfônica. A sessão de metais de uma orquestra – ou metais e percussão juntos – é algumas vezes chamada ‘Banda’, o termo também é usado para banda de metais que algumas vezes apresenta-se por trás das cenas das óperas do século XIX. ‘Banda’ também denota um grupo particular de instrumentos, tal como a banda de sopros, banda de acordeão, banda de marimba etc.

Entretanto, uma banda marcial pode conter instrumentos de outras famílias, de acordo com a disponibilidade e a necessidade de repertório. Segundo Lima (2000, p. 39), uma banda marcial possui:

I – Instrumentos melódicos característicos: trompetes, trombones, bombardinos, tubas e/ou sousafones;

II – Instrumentos de percussão: bombos, surdos, pratos duplos, caixas e outros;

III – Instrumentos Facultativos: liras de até 25 teclas, pífaros, flautas, flautins, gaitas de fole, pículos, flugelhorn, trompas, tímpanos, chimes, glockenspiels, pratos suspensos e outros de percudir.

Uma característica essencial de uma banda marcial é a marcha, na qual o grupo se desloca ordenadamente executando peças musicais, geralmente dobrados militares⁴ ou músicas adaptadas para esta finalidade.

A tradição desses grupos instrumentais passou a ser garantida a partir de meados do século XIX pelas “bandas de corporações militares nos grandes centros urbanos, e pelas pequenas bandas municipais ou liras formadas por mestres interioranos, nas cidades menores” (TINHORÃO, 1998, p. 177).

A história das bandas está intimamente ligada à figura de maestros importantes no cenário musical, na educação musical e no incentivo ao ingresso nas bandas de música, como Sant'Ana Gomes, Azarias de Mello e Luiz de Tullio. Esses maestros estavam mais preocupados em difundir a música pela cidade, utilizando-se das bandas, do que com as concepções estéticas que surgiam na Europa (PÁTEO, 1997, p. 109).

Outro fator que influenciou diretamente a história das bandas foi a disponibilidade de instrumentos musicais e partituras. Até meados de 1870, os instrumentos eram quase todos importados e os custos eram elevados. Percebendo essas dificuldades, vários comerciantes começaram a abrir lojas especializadas em instrumentos, partituras, acessó-

4 Dobrado militar é uma canção, geralmente escrita em compasso binário (propício para marcha), que exalta temas patrióticos ou faz homenagem a figuras importantes da história do país.

rios etc., passando a atrair uma clientela interessada nos preços mais acessíveis.

No final do século XIX, as bandas passam a se apresentar pelas praças das cidades, criando um ambiente de socialização, pois a música apresentada atingia diretamente o público, que não precisava ir até um teatro para ouvi-la. Segundo Campos (2008, p.106), “os grupos musicais passaram a se justificar por sua função socializadora, imprimindo à cidade traços culturais importantes para a manutenção de determinadas festas e rituais”.

Nas últimas décadas do século XX, as bandas começam a perder cena no país, em função das várias adversidades encontradas para a manutenção das mesmas, como a falta de investimentos por parte dos grupos mantenedores e o parcial desinteresse da atual juventude pela atividade. Contudo, ainda existem no país diversas bandas marciais que continuam suas atividades em concertos, apresentações, desfiles e concursos de bandas, sempre buscando financiamento e ajuda para custear sua manutenção.

Bandas marciais em Ponta Grossa na década de 90

Os depoimentos dos entrevistados demonstram que as bandas marciais eram de fato entidades muito presentes no cotidiano da cidade de Ponta Grossa durante os anos 90, sendo que as atividades com bandas eram frequentes em escolas do município. As suas variadas apresentações ocorriam tanto dentro como fora das escolas.

Johnny afirma que até os anos 90 a cidade contava com muitas fanfarras, sobretudo as fanfarras com um pisto⁵, fanfarras simples (com cornetas) ou fanfarras de percussão apenas. Vários colégios estaduais, municipais e particulares contavam com um grupo dessa configuração. Ibraim mencionou, inclusive, que começou a organizar a fanfarra do Colégio Estadual Becker e Silva antes da década de 90.

Em meio a isso, destacava-se o movimento pioneiro de Banda Marcial no Colégio Marista Pio XII. Essa corporação, que foi fundada em 1973, originalmente como fanfarra simples, começou um processo de aquisição de instrumentos de banda (trompetes, trombones, tubas, bombardinos, etc.) e em 1981 iniciou as atividades como banda mar-

cial. Durante a década de 80, a Banda Marcial do Colégio Marista Pio XII recebeu diversos alunos que ali aprenderam a tocar um instrumento musical de banda, adquirindo conhecimento musical e experiência sobre as particularidades de uma banda desse gênero.

Alguns dos alunos que participaram da Banda do Colégio Marista Pio XII foram os responsáveis por iniciar uma expansão na cena das bandas marciais da cidade. Por meio da experiência e conhecimentos adquiridos ofereceram a diversas escolas, principalmente particulares, a oportunidade de iniciar um trabalho com bandas marciais, integrando diversos alunos a essa atividade por toda a cidade.

Assim, teve início um processo de multiplicação das atividades dos citados grupos musicais, que atingiu, segundo os entrevistados, sua culminância no final da década de 90, quando figuravam oito bandas marciais de grande importância no cenário prinesino, quase todas de escolas particulares: Marista Pio XII, Sant’Ana, Sagrada Família, Sepam, Master, São Sebastião (atual Sagrado Coração de Jesus), São José e Instituto João XXIII (a única que não era de escola particular).

Os maestros e instrutores eram, na maioria, ex-integrantes da Banda Marcial do Colégio Marista Pio XII, da Banda Escola Lyra dos Campos, e que também haviam estudado em outras instituições de ensino de música, como o Conservatório Municipal e a Escola de Música e Belas Artes do Paraná. Danielle relata que na época todos os envolvidos com bandas e fanfarras na cidade se conheciam, e tem lembrança de diversas pessoas que participaram do processo de multiplicação das bandas marciais na cidade. Muitas dessas pessoas estão ligadas intimamente à fundação de alguns grupos musicais em Ponta Grossa.

Johnny, que trabalhou como instrutor e maestro em bandas na época, relata parte da história do começo de algumas bandas da cidade:

Eu me lembro que na época foram adquiridos alguns instrumentos para o colégio Master. O Colégio Master antes se chamava Positivo, e foram comprados alguns instrumentos do Positivo de Curitiba, porque lá talvez a banda foi desativada ou renovaram seus instrumentos, e eles trouxeram os usados para cá. Compraram um pacote de instrumentos e assim começou um movimento de banda marcial a partir daquela negociação. E o Sepam acabou adquirindo instrumentos novos que, através da nossa instrução, sugerindo instrumentos bons, de qualidade, a gente

5 Corporações que possuem tanto instrumentos de percussão quanto cornetas de diferentes afinações e com um pisto, mecanismo que auxilia na mudança de notas no instrumento. No entanto, as cornetas com um pisto não são capazes de realizar a escala musical completa.

sabia que iam durar bastante. Então, começou um movimento de bandas se espelhando no movimento que já existia na época no Marista, que atraía muitos alunos pra lá e então os diretores falaram: “por que não ter aqui também?”. Então isso se estendeu ao Colégio Sagrada Família, ao Sant’Ana e na época ao Colégio São Luís também. Então, tem várias bandas que se espelharam, e o movimento pioneiro do Colégio Marista fez com que isso se transformasse num movimento dos anos 90, e um movimento bem grande de bandas. Viram que era uma coisa que realmente dava certo. (Johnny)

A fundação das bandas dos Colégios Master e Sepam ocorreu, portanto, em uma ação cooperativa de alguns músicos, principalmente do próprio Johnny, de Jorge Luiz Martins Gomes e de César Higashi (ex-maestro da Banda do Colégio Marista Pio XII), que respondia pela regência das duas bandas. Johnny comenta que nos anos iniciais essas duas bandas eram próximas devido ao compartilhamento da sua equipe de professores, e também por vários integrantes tocarem nas duas corporações. Nas ocasiões de desfiles, era comum que alguns integrantes desfilassem por uma banda e tornassem a desfilar pela outra, tendo que trocar de uniforme em locais improvisados e voltar ao início da avenida para incorporar o outro grupo. Tal situação era comum e continua sendo até os dias de hoje, incluindo também músicos que desfilam inclusive pela banda do 13º BIB ou da Lyra dos Campos, além de tocarem em outras bandas de colégios.

[...] foi uma fase bem crítica porque em épocas de desfiles eu participava de duas bandas. A consequência disso é que eu tinha que desfilar nas duas bandas. Nem sempre a gente conseguia que a prefeitura distanciasse uma banda da outra, então às vezes eu tinha que trocar de roupa ali próximo do HSBC (banco), abandonar a banda que estava descendo (a avenida), deixar estrategicamente um carro para que pudesse trocar de uniforme, pois eram cores totalmente diferentes, então não tinha nem como aproveitar uma coisa do outro, e subir novamente, a pé, correndo, para desfilar novamente com a outra banda. (Johnny).

No final da década de 80, o Colégio São José começou a formar sua fanfarra, por meio do trabalho dos professores Ricardo Ribas e Gilberto Grube Jr., que também eram músicos da Banda Marcial do Colégio Marista Pio XII. Já na década de 90, a fanfarra era considerada uma das melhores do estado e acumulava diversos títulos em campeonatos pelo estado, além de representar muito bem a cidade nas competições nacionais. A fanfarra do Colégio São José foi uma das muitas instituições que formaram diversos músicos na cidade de Ponta Grossa.

Com a saída dos professores Ricardo e Gilberto, a continuação dessa fanfarra ficou sob a responsabilidade dos professores Fabiano de Souza e Geraldo Garcia, os quais vieram a promover a transformação do grupo para banda marcial alguns anos mais tarde. Recentemente, o Colégio São José foi unificado ao Colégio Sagrada Família, e as suas bandas também foram unificadas.

A Banda do Colégio Sagrada Família teve sua fundação ligada à colaboração de músicos militares. Contando com o apoio de uma das maiores escolas particulares da cidade, esses músicos militares (especialmente o maestro Farago) fizeram da Banda do Colégio Sagrada Família uma das grandes bandas marciais de Ponta Grossa, atingindo na década de 90 boa qualidade técnica. A Banda do Colégio Sagrada Família foi forte representante de Ponta Grossa nos campeonatos de bandas, e obteve excelentes resultados, especialmente com o seu corpo coreográfico, de elevadíssimo nível técnico. A banda atualmente mantém suas atividades, porém já não participa com tanta frequência dos campeonatos de bandas.

Após a passagem pela Banda do Colégio Marista Pio XII e pela fanfarra do Colégio São José, Gilberto Grube Jr. participou da fundação da Banda do Colégio Sant’Ana. A direção desta banda logo foi assumida pelo músico Carlos Taques, que é o seu coordenador e maestro até os dias de hoje. A banda do Colégio Sant’Ana atingiu um ótimo nível técnico-musical no decorrer da década de 90, obtendo excelentes resultados em competições estaduais e nacionais, e é uma das poucas bandas marciais que mantém as atividades em Ponta Grossa na atualidade.

Outras duas bandas marciais de Ponta Grossa marcaram presença na década de 90 e início dos anos 2000: a Banda do Colégio São Sebastião, que alguns anos depois passou a se chamar Colégio Sagrado Coração de Jesus, e a Banda do Instituto João XXIII. Ambas participavam dos concursos e desfiles em Ponta Grossa e no estado do Paraná, e obtiveram alguns resultados expressivos em campeonatos de bandas. Atualmente, a Banda do Colégio Sagrado Coração de Jesus mantém suas atividades.

Dois personagens se fazem muito importantes na história das bandas e da música princesina. Um deles é o maestro Miroslau Kreinski, que esteve à frente da Banda Marcial do Colégio Marista Pio XII entre os anos de 1992 e 2003. Músico militar aposentado, Kreinski permaneceu na regência da banda durante um período de grande desenvolvimento

técnico da mesma, e participou tanto da conquista de diversos campeonatos estaduais e nacionais com a banda, como da gravação de discos e apresentações por todo o país e pelo exterior. Além disso, foi maestro da Orquestra Sinfônica de Ponta Grossa durante alguns anos, ajudando a resgatar a tradição da música orquestral na cidade.

Outro personagem importante na história das bandas marciais e da música em Ponta Grossa foi o músico Jorge Augusto Scheffer, que atuou como músico e professor da Banda Marcial do Colégio Marista Pio XII durante os anos de 1991 e 2003, e como maestro da banda no ano de 2004. Scheffer foi um dos primeiros participantes de banda em Ponta Grossa a buscar o estudo acadêmico da música, formando-se na Escola de Música e Belas Artes do Paraná. Foi um dos grandes responsáveis pela difusão de conhecimentos musicais teóricos e instrumentais na cidade, por meio de seus numerosos alunos. Hoje Scheffer é o principal músico prinesino em destaque no país, tendo se apresentado em diversas salas de concerto no Brasil e no exterior com a Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo (OSESF), além de se destacar também como solista e regente. Scheffer é músico trompetista reconhecido no Brasil e no exterior, além de atuar como professor na Escola de Música e Belas Artes do Paraná, e de ser atualmente o Maestro e Diretor Artístico da Orquestra Cidade de Ponta Grossa.

A presença das bandas no cenário urbano

A participação das bandas no cotidiano da cidade de Ponta Grossa sempre foi uma tradição. Schmidt comenta que já na década de 60, aos cinco anos de idade, ia acompanhado dos seus pais à praça barão do Rio Branco, aos domingos, para assistir às retretas das bandas do 13º BIB e da Lyra dos Campos:

A Banda do 13º BIB e a Banda Escola Lyra dos Campos, que era regida pelo Maestro Paulino Martins Alves, sempre às cinco horas da tarde faziam as retretas na nossa concha acústica. Na Praça Barão do Rio Branco as famílias levavam as crianças ao parque. Naquela época a praça era para isso, não é? Era para as famílias! Mas o programa certo do domingo era ir à praça para assistir às bandas, ninguém me tirava da frente da concha acústica enquanto a banda do 13º BIB não encerrasse a última música. (Schmidt)

Contudo, as informações obtidas pelos depoimentos dos entrevistados revelam que na década

de 90 a presença marcante das bandas se fazia nos desfiles cívicos e comemorativos da cidade. Fabiano destaca que “os desfiles eram famosos por contar com tantas bandas boas ao mesmo tempo, colegas de outras cidades vinham até Ponta Grossa só para assistir aos nossos desfiles”.

Os desfiles cívicos e comemorativos eram considerados uma grande oportunidade para as bandas marciais mostrarem seu trabalho, bem como a qualidade e organização das escolas que representavam. Schmidt comenta que talvez os desfiles fossem

a única manifestação cultural em que se poderia atingir a grande massa, porque todas as outras atividades artísticas que uma escola pode ter são para um público mais específico. Uma banda desfilando numa avenida para trinta e poucas mil pessoas assistindo atinge um grande público! E esta era uma grande forma de você prestigiar a sua escola pela banda marcial. (Schmidt)

Além desse aspecto, existia entre as bandas também uma rivalidade, no sentido de realizar a melhor apresentação em cada desfile. Vários entrevistados colocaram que havia entre as escolas uma disputa saudável, na qual estava em questão quem tinha a melhor banda, e os alunos também sentiam esse clima de disputa, e davam seu melhor para que sua banda se saísse muito bem.

Daniel faz um importante comentário acerca da grande presença das bandas no cotidiano da cidade de Ponta Grossa na década de 90:

Foram os “anos dourados” das bandas em Ponta Grossa e em todo o país. Era uma febre, uma paixão geral, uma corrente. Se você não se interessasse por conta própria, acabaria ao menos participando em algum momento de uma banda, pois certamente seus amigos ou conhecidos faziam parte de alguma corporação. Foram anos de concursos inesquecíveis, corporações marcantes e grandes histórias que quem participou nunca esquecerá. (Daniel)

Além dos desfiles, outros eventos também contavam com forte presença das bandas marciais da cidade, como comenta Fabiano: “Jogos e eventos esportivos sempre tiveram apresentações de Bandas Marciais em suas aberturas, e em concursos por várias vezes as bandas da cidade ficaram entre as três primeiras colocadas dentro de suas categorias”. Johnny afirma que essa participação das bandas era notória também “dentro dos colégios, em abertura de jogos ou momentos cívicos do colégio”, ou ainda em “movimentos ligados a comunidades, bairros”. Daniel comenta que as fanfarras e bandas da cidade “participavam de aberturas de jogos, inaugurações,

desfiles cívicos, datas comemorativas, concurso estaduais e nacionais realizados diversas vezes em Ponta Grossa e mesmo fora da cidade ou do estado, concertos em teatros, apresentações em escolas, etc.”.

Segundo Johnny, essa participação em eventos variados contribuiu também para aumentar a diversidade e o espaço para as bandas marciais mostrarem seu trabalho na cidade, oferecendo aos moradores do município alternativas para lazer e entretenimento, além de ter contribuído para desafogar a agenda da banda Lyra dos Campos, que era muito solicitada desde então, chegando a realizar às vezes três apresentações no mesmo dia.

Sobre as competições de bandas marciais organizadas na cidade de Ponta Grossa na década de 90, Danielle afirma que a participação das bandas era grande. “Todas participavam de todos os eventos. Havia uma rivalidade que instigava as participações”.

Os campeonatos de bandas

O desenvolvimento técnico das bandas, que começaram a investir em materiais melhores, instrumentos musicais de qualidade, professores qualificados, fez com que elas chegassem a um nível de competitividade muito significativo durante a década de 90, especialmente nos seus últimos anos. Segundo Daniel, no quesito técnico os anos 90 foram

uma época de transição entre o que as bandas dos anos 80 faziam e as bandas fazem hoje. Nos concursos dos anos 90 as bandas começaram a despontar em seus repertórios os grandes clássicos desafiantes que até então apenas orquestras ou bandas sinfônicas desafiavam, onde os músicos começaram a sentir a necessidade e buscar a técnica instrumental e teórica antes só exigida por músicos profissionais de conjuntos eruditos dos grandes conjuntos do país, dando início assim a uma evolução técnica dos músicos e das corporações das bandas marciais. (Daniel)

Assim, a cidade de Ponta Grossa era muito bem representada na época por várias bandas marciais que conseguiam resultados expressivos nas competições estaduais e nacionais. Johnny comenta sobre a forte representatividade que as bandas princesinas tinham no cenário estadual e nacional:

Ponta Grossa tinha uma tremenda representatividade nos concursos. Quando falavam de Ponta Grossa em concursos estaduais e nacionais sabiam que sempre vinham duas, três, quatro bandas de excelente nível para participar. Chegou ao ponto de nossa cidade participar com quatro bandas no campeo-

nato nacional, em uma única categoria, a Infanto-Juvenil. Então, Ponta Grossa estava no mapa nacional de bandas, o movimento de bandas era muito forte aqui. (Johnny)

Como a cidade passou a ser conhecida pela quantidade e pela qualidade das suas bandas, surgiu o interesse do município e das federações de bandas em promover as competições em Ponta Grossa. Como resultado desse interesse, Ponta Grossa acabou sediando competições importantes na década. Antônio Carlos Schmidt, que esteve envolvido na organização de tais campeonatos, relata que a cidade recebeu campeonatos de bandas nos anos de 1992, 1994, 1995, 1997, 1998, 1999 e 2000, entre campeonatos abertos e edições do Campeonato Paranaense de Bandas e Fanfarras, e uma edição do Campeonato Nacional de Bandas e Fanfarras, que ocorreu em 1995. Daniel tem especiais recordações desses campeonatos:

Recordo-me principalmente da quantidade e da qualidade das corporações que existiam tanto em nosso município como em outros municípios do Paraná e outros estados. Existiam inúmeras corporações de alto nível, os concursos das bandas e fanfarras eram sempre extensos, com grande número de corporações escritas. Havia um sentimento geral em todas as corporações da competição, mas com lealdade, havia um sentimento de garra e amor por esta arte que movia quase que 100% das corporações. Tocar em bandas ou fanfarras nessa época para mim foi uma grande paixão, um sentimento de amor às bandas e fanfarras, e principalmente amor à música. (Daniel)

Luciano Rocha também tem uma lembrança marcante de um dos campeonatos realizados em Ponta Grossa, pois, a convite de seu professor, ele foi até o Ginásio Oscar Pereira assistir ao campeonato estadual de bandas e fanfarras. Segundo Rocha, dez bandas concorriam, sendo quatro de Ponta Grossa, em uma competição “de alto nível, o que fez com que eu me interessasse de vez pela atividade”.

Hoje os campeonatos de bandas não estão mais presentes em Ponta Grossa. Depois das edições dos grandes campeonatos estaduais e nacionais realizados na cidade, raras foram as ocasiões em que Ponta Grossa sediou um campeonato de tal gênero. O comentário de Ronaldo expressa bem essa mudança de cena na questão dos campeonatos, tanto na organização dos eventos quanto no interesse das bandas em participar:

Ponta Grossa era referência em bandas e fanfarras no âmbito nacional, tanto que em 1995 o concurso nacional de bandas e fanfarras aconteceu aqui. Hoje

em dia acho que o concurso estadual não acontece mais aqui faz tempo, sendo que apenas o Marista participa ainda destes concursos. As outras bandas acabaram e as que ainda sobrevivem não participam. (Ronaldo)

O interesse da sociedade

É possível afirmar que o aumento das atividades com bandas marciais em Ponta Grossa, na década de 90, não foi, de fato, um acontecimento casual. Havia uma grande somatória de fatores que faziam com que essas atividades fossem se multiplicando pela cidade. Entretanto, serão apresentados aqui apenas os fatores considerados centrais para o aumento do interesse da sociedade pelas bandas no pesquisado espaço e tempo em questão.

Em primeiro lugar aparece uma opinião que foi consenso entre todos os entrevistados desta pesquisa, relacionada à representatividade institucional das bandas marciais. Para as pessoas que vivenciaram o movimento intenso de bandas na década de 90 em Ponta Grossa, os colégios tinham grande interesse em formar e manter uma banda marcial, pois essa seria uma forma muito positiva e impactante de representar o nome do colégio em eventos na cidade e fora dela, principalmente nos desfiles cívicos, quando grande parcela da população da cidade poderia ver o colégio sendo “puxado” por sua banda marcial. Configurava-se assim uma posição de prestígio por parte das escolas que tinham bandas, ou seja, a banda era um símbolo da organização e do comprometimento da instituição com a formação completa de seus alunos, como relata Daniel:

As bandas e fanfarras destacavam o nome das escolas e colégios em âmbito municipal, estadual e muitas vezes nacional. Era um símbolo de que a escola ou colégio trabalhava duro e tinha seu reconhecimento através do trabalho que a corporação mantinha. (Daniel)

Além dessa função de representatividade institucional, as bandas também eram para os colégios da cidade, principalmente os particulares, uma estratégia muito eficaz de propaganda da escola: a qualidade e a competitividade dessas bandas simbolizavam as vantagens em estudar naquela instituição, como relata Leandro.

[...] a banda se torna a principal propaganda do colégio, principalmente em desfiles. A escola está passando na avenida, sendo puxada por sua banda marcial, e os filhos, os alunos se interessam em querer tocar. Você vê uma boa banda marcial, por exemplo,

de um colégio grande, você já vê a organização do colégio, a estrutura do colégio, porque manter uma banda não é fácil. Você percebe o poderio do colégio. Mas não é só isso, o aluno vê aquela banda poderosa descendo a avenida, aquela escola, ele cria aquele desejo de participar. E quem é beneficiado no caso? O colégio. A banda é uma propaganda para atrair alunos! A banda funciona para o colégio como uma propaganda, um meio de comunicação com o povo, atrai os olhares do pessoal. (Leandro)

Pensando por um viés pedagógico, alguns dos entrevistados chamaram a atenção para o interesse educacional que as escolas tinham com relação às atividades desenvolvidas em suas bandas. A atividade de banda marcial era considerada como um atrativo para a escola, uma opção de formação complementar, integradora, socializante, que ao mesmo tempo proporcionava lazer e conhecimento musical aos alunos, ou seja, objetivava “proporcionar aos alunos uma opção a mais de atividade extraclasse que contribuísse com sua formação intelectual” (Fabiano). Johnny descreve a opção por essa atividade, pelas instituições de ensino:

[...] além do basquetebol, do futsal, do vôlei ou da natação, seria mais um atrativo para que o aluno procurasse o colégio, porque o colégio oferecia a banda marcial como uma das suas atividades, integrada ao corpo didático do colégio. E em contrapartida, é claro, eles (direção) tinham a banda disponível quando quisessem, dando apoio em momentos nos quais eles precisavam promover alguma atividade no pátio, uma apresentação, uma abertura de jogos internos, então eles tinham muitas opções. (Johnny)

De maneira geral, a sociedade (pais, familiares, amigos, etc.) tinha uma visão bastante positiva a respeito da participação dos jovens nas bandas marciais. Participar de uma banda na época representava estar inserido em uma atividade que demandava seriedade, organização, respeito, dedicação e disciplina. As bandas eram vistas como meios de socialização e aprendizagem ao mesmo tempo, como é possível perceber em diversos comentários feitos pelos entrevistados:

A sociedade via as bandas marciais como algo muito importante para a cultura, nós tínhamos um respeito muito grande. Os colégios que tinham bandas gozavam de muito respeito na sociedade. Algumas decaíram por falta de interesse dos próprios maestros, mas algumas se mantiveram sempre dentro de um limite de importância dentro das suas instituições. (Schmidt)

Acho que as corporações existentes nessa década eram motivo de orgulho para a sociedade. Ponta Grossa era a capital estadual das bandas e fanfarras. Nenhuma outra cidade no Paraná tinha tanto em

número como qualidade, tantas corporações como nossa cidade. Também era motivo de orgulho, pois alguns músicos formados e criados em corporações da cidade começavam a despontar fora da cidade como músicos profissionais promissores. (Daniel)

As pessoas tratavam as bandas marciais com respeito e orgulho. Muitas pessoas assistiam aos desfiles ansiosas pela passagem das bandas. Comentavam-se por dias as apresentações. (Danielle)

Muita coisa mudou daquela época pra cá, mas eu entendo que as pessoas olhavam todo esse movimento “banda” com mais admiração e respeito pelo trabalho realizado, sem contar que nessa época nossas bandas levavam o nome de nossa cidade para vários outros lugares e até para fora do país. (Fabiano)

Eu acho que para os pais que tinham seus filhos ligados a esse movimento, e não só os pais, mas todos os parentes que estavam ao redor daquele aluno que participava de uma banda sentiam a diferença de comportamento da criança ou do adolescente na época. Em casa, no seu convívio familiar, eles sentiam que realmente mudavam as coisas, porque a banda e a música têm esse poder de transformar as pessoas em pessoas melhores, de conduta melhor dentro da sociedade, então, as pessoas sentiam que esse aluno contribuía mais para a sociedade do que um aluno que não estivesse participando ou estivesse de boeira aí na rua, fazendo coisas que não devia. (Johnny)

As pessoas tinham orgulho das bandas de sua cidade, tanto que nos desfiles cívicos as avenidas se enchiam para ver as bandas passarem. (Jorge)

Ao discorrer sobre as funções da música na sociedade, Merriam (1964) cita a importância da música como meio agregador da sociedade, pois ela proporciona aos seus membros um sentido de unidade, de pertencimento. Assim, a música desperta nos membros da sociedade uma noção de cooperação e participação, sobretudo porque todos se reúnem para realizar uma atividade de maneira solidária e colaborativa. Os relatos das pessoas que estiveram envolvidas com bandas marciais demonstram que sua participação nesses grupos deixou uma marca muito forte no seu modo de vida.

Cenário atual e perspectivas

Atualmente, poucas bandas marciais da cidade ainda mantêm as atividades em tempo integral, realizando apresentações e desfiles na cidade e em outras localidades. No entanto, a maioria das bandas marciais da cidade funciona com um projeto temporário, que se intensifica nos meses que antecedem os desfiles cívicos (sete e quinze de setembro). Nos úl-

timos anos, a participação em campeonatos tem sido representada por poucas bandas marciais da cidade.

Os entrevistados opinaram sobre as tendências futuras para esse tipo de corporação musical, e também apontaram algumas causas para a diminuição do movimento de bandas marciais na cidade. Contrapondo passado e presente, os depoentes encontram nas mudanças ocorridas no mundo nas últimas décadas (principalmente na área tecnológica) e, também, nas políticas governamentais um empecilho para a manutenção das atividades das bandas marciais.

Danielle considera a perspectiva futura das bandas com certo pessimismo. “Não vejo um retorno das bandas tais como eram à época da década de 90, mas espero sinceramente que elas não estejam condenadas à extinção”. Justificando sua resposta, Danielle considera que

em duas décadas, o mundo em geral mudou muito. Hoje o interesse é outro. A tecnologia roubou o interesse das pessoas, direcionando-as de outro modo. Isso se deve à educação que os pais destinam a seus filhos, preocupados apenas com a formação intelectual para o mercado de trabalho, deixando muitas vezes de lado a formação moral, que inclui a arte como formadora de pessoas mais sensíveis e comprometidas. Assim, as escolas acabaram entrando nessa paranóia da globalização, automação, tecnologia, utilizando todos os recursos disponíveis para investimentos nessas áreas, deixando de lado investimentos nas suas corporações musicais, que para sobreviverem contam com o amor e a dedicação de pessoas que correm atrás de patrocínios e projetos culturais para sua manutenção. (Danielle)

A falta de investimentos, segundo Daniel, é um dos fatores que faz com que a atividade das bandas seja hoje tão escassa e de difícil manutenção. Segundo Daniel,

o principal fator que dificulta o pleno funcionamento das mesmas ou de novas corporações é o fator financeiro. Embora haja ainda entidades públicas ou particulares que invistam nas bandas, muitas vezes esse investimento não é o suficiente para atender as demandas que as bandas exigem para funcionar da melhor forma possível, tanto no quesito material como no quesito humano. Muitas entidades em nossa cidade ou em outras cidades do país buscam fontes alternativas, como projetos governamentais de incentivo à cultura, patrocínios, vendas de CDs, concertos, rifas, etc., a fim de melhorar suas condições, muitas vezes precárias, de funcionamento. (Daniel)

Fabiano também considera que o fator financeiro dificulta a existência das bandas marciais no cenário princesino. No entanto, projeta sua visão para a continuidade das bandas tecendo um comentário a respeito das características do investimento realiza-

do nas mesmas:

Não acredito que as bandas vão acabar, mas nunca mais será como antes. Os custos pra se fazer uma Banda hoje são muito altos, e percebo que as escolas têm outras prioridades, sem contar que os dirigentes e coordenadores também tem sua parcela de culpa com o que eu chamo de “profissionalização” das bandas, com investimentos absurdos fora da realidade da maioria dos colégios, e já que não há retorno financeiro, não consigo ver que no futuro a cidade volte a ter oito bandas de bom nível como antigamente. (Fabiano)

Por meio do enfoque em uma perspectiva que trata do perfil da juventude atual, Schmidt considera que a tecnologia e os veículos midiáticos contribuem para certo desinteresse para com as bandas, mas que não seriam essas as únicas causas para a menor participação dos jovens nas bandas:

[...] hoje a banda já deixou de ser moda, ela perdeu um pouco do interesse da sociedade, tendo em vista que nós temos outros atrativos: a mídia, a participação dos jovens em outras atividades. Enfim, ela (a banda) passou a ser uma atividade que exige muito, precisa de muita perseverança, muito ensaio, muita dedicação, e isso talvez não faz mais parte deste contexto da nossa atual sociedade, porque as coisas hoje são facilitadas...eu não sei até onde isso tem substância, porque as coisas fáceis também muitas vezes não são fáceis, e as bandas precisam deste estudo, porque a gente realmente exige que se estude a música, que realmente se aprofunde sendo músico. E isso faz com que o jovem hoje, o adolescente se afaste desta atividade, apesar de ela ser uma atividade muito importante, culturalmente falando. (Schmidt)

A mesma perspectiva é compartilhada por Jorge Martins quanto ao imediatismo da juventude: “Eu acho que a juventude atual quer tudo de imediato e sem esforço, e música exige muito esforço e dedicação. Como o interesse por parte dos alunos foi diminuindo, as escolas deixaram de investir e algumas até encerraram as atividades”.

A realidade do século XXI apresenta a música – a qual se propaga de diversas maneiras, como rádio, televisão, cinema, internet, vídeos, telefones convencionais e celulares, estabelecimentos comerciais, etc. – como um dos meios mais presentes no cotidiano das pessoas. A facilidade de propagação da música afeta diretamente a realidade dos jovens, pois influencia seu conhecimento técnico, político, econômico, ideológico e cultural. Hummes (2004, p.37) enfatiza que “os jovens de hoje escutam música de forma diferente dos jovens de cinquenta anos atrás. A sonoridade presente no cotidiano desses jovens tem a marca da eletrônica, do som sintetizado,

manipulado eletronicamente”.

Para Johnny, a perspectiva quanto à continuidade das bandas na cidade é menos pessimista, mas envolve uma mudança de enfoque nos projetos das bandas escolares:

Eu acho que, acompanhando as transformações do nosso século, o enfraquecimento do movimento de bandas marciais é uma tendência muito forte. Eu acredito que para os próximos dez anos o movimento irá manter-se através de projetos sociais que vão utilizar como ferramenta tirar crianças da rua, crianças essas que não têm as informações que hoje os jovens mais esclarecidos, de poder aquisitivo maior, têm. Então acho que as bandas, até para o colégio manter esse instrumental todo, essa estrutura toda, vão precisar de uma justificativa, e essa justificativa vai ser por meio dos projetos sociais.

De forma sintética, é possível perceber que o cenário atual para as bandas princesinas encontra-se em um dilema: sobreviver, ou encerrar as atividades?

Considerações finais

Acredito que este trabalho de pesquisa sobre as bandas marciais da cidade de Ponta Grossa na década de 1990 faz-se relevante no sentido de contribuir para o registro e a reflexão sobre uma história muito rica do envolvimento de diversas pessoas com o fazer musical e a cultura princesina. Todavia, faz-se notório que o trabalho está muito longe de preencher todas as lacunas dessa história, na qual acreditamos que existem muitas outras histórias e pessoas importantes a serem ouvidas e levadas ao conhecimento do público em geral.

As bandas marciais fizeram parte da história cultural de diversas cidades brasileiras. No entanto, realizando uma busca por referências acerca do assunto, foi possível perceber que ainda há muito a se fazer para elucidar a rica história das bandas marciais nas cidades ao redor do Brasil. Em Ponta Grossa (cidade que constitui o objeto deste estudo) poucas referências são encontradas sobre a gloriosa história de suas inúmeras corporações musicais, entre bandas e fanfarras, que prestaram importantes serviços à cidade do ponto de vista artístico e pedagógico.

Espero, assim, que tenhamos contribuído para registrar parte dessa história, discutindo sobre as peculiaridades do movimento das bandas marciais no seu auge em Ponta Grossa – a década de 90 –

e também sobre as perspectivas futuras para essas corporações musicais no cenário atual da cidade. Aproveitamos para manifestar sincera gratidão a todas as pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram para este registro, cedendo gentilmente seu tempo e paciência no período de realização das entrevistas.

cians. 6. ed. USA : MacMillan Publishing Company, 1980.

TINHORÃO, José Ramos. **História Social da Música Popular Brasileira.** São Paulo: Ed. 34, 1998.

Referências

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**, 3. ed., Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos & Abusos da História Oral.** 2. ed., Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998.

ANDRADE, M. **Dicionário Musical Brasileiro.** v. 162. São Paulo: EDUSP, 1989.

CAMPOS, Nilceia Protásio. O aspecto pedagógico das bandas e fanfarras escolares: o aprendizado musical e outros aprendizados. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, V. 19, 103-111, mar. 2008.

HUMMES, Júlia Maria. **As funções do ensino de música na escola, sob a ótica da direção escolar:** um estudo nas escolas de Montenegro. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação Musical) – Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

LIMA, Marcos Aurélio de. **A banda e seus desafios:** levantamento e análise das táticas que a mantêm em cena. **2000. Dissertação** (Mestrado em Artes) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

LIMA, Marcos Aurélio de. **A banda estudantil em um toque além da música.** São Paulo: Annablume; Fapesp, 2007.

MERRIAM, A. **The anthropology of music.** U.S.A: North – West University Press, 1964.

PÁTEO, Maria Luiza de Freitas Duarte do. **Bandas de Música e Cotidiano Urbano.** Dissertação de Mestrado. Campinas, SP, 1997.
The New Grove Dictionary of Music and Musi-